

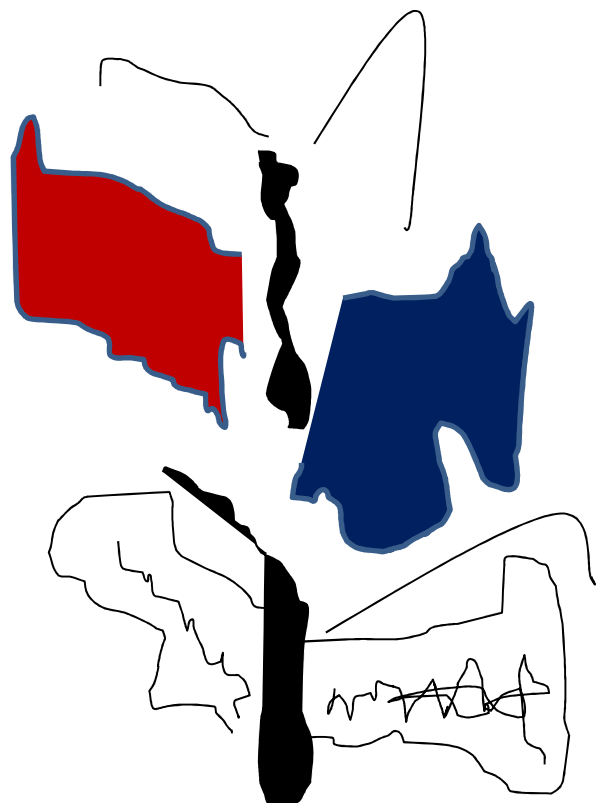
Lolita (1962) de Stanley Kubrick
CINE CLUBE, 7 de Junho 2016
BIBLIOTECA, FCT/UNL

Kubrick: Well it's certainly one of the great love stories, isn't it? I think Lionel Trilling's piece in *Encounter* is very much to the point when he speaks of it as "the first great love story of the 20th century." And he uses as his criteria the total shock and estrangement which the lovers, in all the great love stories of the past have produced on the people around them. If you consider *Romeo and Juliet*, *Anna Karenina*, *Madame Bovary*, *The Red and the Black*, they all had this one thing in common, this element of the illicit, or at least what was considered illicit at the time, and in each case it caused their complete alienation from society.

But then in the 20th century, with the disintegration of moral and spiritual values, it became increasingly difficult, and finally impossible, for an author to credibly create that kind of situation, to conceive of a relationship which would produce this shock and estrangement -- so that what was resorted to achieve the shock value, was erotic description. Whereas Trilling felt that *Lolita* somehow did succeed, in the classic tradition, having all the stormy passion and tenderness of the great love story as well as this element of the lovers being estranged from everyone around them. And, of course, Nabokov was brilliant in withholding any indication of the author's approval of the relationship. In fact, it isn't until the very end, when Humbert sees her again four years later, and she's no longer by any stretch of the definition a nymphet, that the really genuine and selfless love he has for her is revealed. In other words, this element of their estrangement, even from the author -- and certainly, from the reader -- is accomplished, and sustained, almost through the very end. (An Interview with Stanley Kubrick, director of *Lolita* (1962), by Terry Southern: <<http://www.terrysouthern.com/archive/SKint.htm>>)

Kubrick: Well, that aspect of the picture interests me very much -- I've always thought for example, that Kafka could be very funny, or actually is very funny -- I mean like a comic nightmare, and I think that Sellers in the murder scene, and in fact in the whole characterization, is like something out of a bad dream, but a funny one. I'm very pleased with the way that came off and I think it opens up an avenue, as far as I'm concerned, of telling certain types of stories in ways which haven't yet been explored in movies. (An Interview with Stanley Kubrick, director of *Lolita* (1962), by Terry Southern: <<http://www.terrysouthern.com/archive/SKint.htm>>)

"She was actually just the right age .Lolita was twelve and a half in the book. Sue Lyon was thirteen. I think some people had a mental picture of a nine-year-old. I would fault myself in one area of the film, however; because of all the pressure over the Production Code and the Catholic Legion of Decency at the time. I believe I didn't sufficiently dramatize the erotic aspect of Humbert's relationship with Lolita, and because his sexual obsession was only barely hinted at, many people guessed too quickly that Humbert was in love with Lolita. Whereas in the novel this comes as a discovery at the end, when she is no longer a nymphet but a dowdy pregnant suburban housewife; and it's this encounter, and his sudden realization of his love, that is one of the most poignant elements of the story. If I could do the film over again, I would have stressed the erotic component of their relationship with the same weight Nabokov did." (An Interview with Stanley Kubrick, by Joseph Gelmis, 1969: <<http://www.visual-memory.co.uk/amk/doc/0069.html>>)



“Uma brevíssima entrevista simulada em torno de *Lolita*: entre a taxonomia e a transgressão”
Christopher Damien Aurette

ENTREVISTADOR: Kubrick vive em Inglaterra durante longos anos da sua vida até à sua morte em 1999. Nabokov abandona a Rússia, em 1919, entretanto a revolucionária União Soviética dos Bolcheviques a partir de 1917, vivendo vinte anos na Europa, depois vinte anos nos EUA, e vindo a falecer na Suíça em 1977, onde residia há anos.

CDA: Certo. Aliás, Nabokov escreve em russo, mais tarde em inglês, traduzindo obras escritas em russo para inglês, bem como obras escritas por ele próprio de inglês para russo. É igualmente lepidopterologista. É poeta. É professor de literatura. *Lolita*, a obra de ficção de Nabokov, leva-nos a pensar no filme de Kubrick, que traduz – que refunde – a obra ficcional de Nabokov, publicada em 1957, pela primeira vez, em Paris (por sinal, por uma editora especializada em literatura pornográfica).

Ent.: Refunde-a em que sentido na sua transposição fílmica?

CDA; No sentido de criar, numa linguagem gestual, espacial e dialógica (que é, aliás, a linguagem do objecto fílmico), um mundo que funde transgressão erótica e drama de envergadura trágica. O drama de um amor assimétrico e incompleto, sem apaziguamento ulterior e sem reciprocidade possível. (Veja-se a “*Lolita*” do filme e do livro, que antes era a “*nymphet*”, vocábulo empregue por Humbert no seu caderno privado, transformada na esposa suburbana, grávida e à míngua de dinheiro da última cena do filme). Quanto ao filme, não posso deixar de frisar o que me parece ser uma cena genialmente elucidativa da visão de Kubrick a sobrepor-se à visão declaradamente indiferente à realidade social de Nabokov.

Ent.: Qual é essa cena?

CDA: É a cena do bailarico liceal a que assiste Humbert, na companhia de Charlotte Haze e da sua filha Lolita, que já fascina Humbert. Nesta cena combinam-se humor satírico e jovialidade adolescente, retrato sexual e comentário social das várias faixas etárias aí presentes. Veja-se a coreografia dos corpos núbéis dos adolescentes hormonalmente saturados que dançam e festejam, cortejam e se deixam sexualizar de acordo com os rituais socialmente sancionados – e com que são cúmplices os adultos –, de uma sociedade que, contudo, impõe – ironia! – dispositivos institucionais que amalgamam um didacticismo moral de quase clínica ingenuidade, repressividade tanto hipócrita quanto espreitadora, assepsia histórica perante a fatalidade das investidas do erótico na vida dos jovens e a propositada sexualização destes se bem que rigorosamente registada e controlada pela sociedade adulta. Ironia, sim! É precisamente um adulto – o professor do Velho Mundo, Humberto Humberto, que chega à América para ensinar poesia francesa a estes seres “amalgamados”, ora astutamente ingénuos, ora precoce e sistematicamente sexualizados.

Ent.: Quer-me parecer que Nabokov ridiculariza a teoria freudiana do psiquismo humano, bem como recusa grelhas interpretativas desta obra segundo critérios de natureza social, ou societal, ideológica ou histórica. Assim entendido, Kubrick respeita a obra de Nabokov, anda que a refunda radicalmente. Será assim, mesmo?

CDA.: Aliás, Kubrick e o produtor do filme, James B. Harris, vão reescrever o guião inicialmente escrito (de 400 pp.!) pelo autor de *Lolita*. Onde os dois artistas convergem é, talvez, na sua capacidade de imaginarem e projectarem na sua respectiva arte padrões psicológicos que definem as personagens pelo labirinto mal-iluminado dos seus desejos. No caso de Kubrick, há a coreografia dos corpos numa determinada cultura e momento histórico; no caso de Nabokov, defrontamo-nos com a complexíssima construção de um “puzzle”, porventura intemporal ou, quando mais não seja, a-histórico, como ele próprio afirma em entrevista. Por um lado, tem-se a coreografia dos corpos; por outro, a taxonomia ficcionada da conduta, padrões de comportamento e *pathos* erótico de vários seres – com Charlotte, Humberto e Lolita em primeiro plano. Humberto é um homem quarentão cínico e condenado, frágil e feroz. Lolita é uma jovem adolescente sedutora e seduzida. Nabokov – autor de origem russa – constrói uma prosa lírico-analítica prodigiosa em língua inglesa.

Ent.: E, por fim, temos a difícil classificação do filme de Kubrick, que oscila entre o trágico e o cómico. Vejam-se, por exemplo, as cenas com o proteiforme Peter Sellers, que interpreta vários papéis ao longo do filme, papéis que, por sua vez, oscilam entre o maléfico e o hilariantemente patológico. Um filme, portanto, que oscila entre a sátira social e o desespero pessoal, a transgressão erótica e a colisão de dois mundos, i.e., o Velho Mundo e a América boçal dos anos 40 representada pela Nova Inglaterra, especificamente, o estado de New Hampshire e pela pacatez do Beardsley College, no Ohio...

CDA: Trata-se da colisão de mundos, incongruente, ferozmente unidos pelas estradas e *motéis* do desejo por onde passa o casal Humberto-Lolita. O espectador acompanha-os nestas estradas situadas à beira do precipício social e moral. É por estas estradas que Kubrick representa a sexualização precoce e a normalização inevitável da sexualidade, ou melhor, do *eros* humano. Assim, Kubrick recria em filme a personagem mítica do romancista, pertencente doravante à nossa colectiva memória cinematográfica: uma “nymphet” doméstica e grávida, uma *housewife* americana (agora, “Mrs. Richard T. Schiller, née Dolores Haze) com, plausivelmente, fraldas e lixívia no seu futuro próximo. O filme de Kubrick e a ficção de Nabokov definem em conjunto um “continente” novo – ausente de todos os mapas autorizados – que iluminam este território quase inclassificável do *humano* por este ser essencialmente complexo e irremediavelmente imprevisível.

Ent.: Qual é esse continente?

CDA. O do próprio ser humano que *é*, em síntese, um ser cuja trajectória vital é impulsionada pelo êxtase perseguido, vulnerabilidade transgressora e inocência instrumentalizada pelo olhar alheio. Assim, parece-me que há que dizer o nome “Lolita” devagar: *Lo-li-ta*, para tornar a palavra deveras audível na sua sonoridade específica. Este nome engloba todo um hino irónico. É alvo dos olhares e dos corpos que desejam e violam a portadora deste nome. É o nada caracterizado por um estado de insaciável nostalgia erótica e destruição iminente que se apodera de Humberto no final do filme. Que deve sacrificar o amor que sente por Lolita à fatalidade das circunstâncias, à mutabilidade dos motivos e das escolhas e à dissolução do *eros* – ilícito e assimétrico – no cenário asépticamente doméstico de uma jovem esposa (e mãe iminente) que agora segura uma tábua de passar a ferro na mão.

Eis o filme, portanto, que se desenrola diante do espectador, culminando no cruzamento de uma visão da modernidade à americana – que gere e normaliza os corpos e os seus desejos – e a mitologia que perpetua este mesmo desejo numa sublevação interior, às tantas fatal, dos seres, pois variamente, mas invariavelmente o desejo – lícito ou não – enterra todos os seres.

Nabokov: Oh, *Lolita*, naturally. I lacked the necessary information—that was the initial difficulty. I did not know any American 12-year-old girls, and I did not know America; I had to invent America and *Lolita*. It had taken me some 40 years to invent Russia and Western Europe, and now I was faced by a similar task, with a lesser amount of time at my disposal. The obtaining of such local ingredients as would allow me to inject average “reality” into the brew of individual fancy proved, at 50, a much more difficult process than it had been in the Europe of my youth. (Playboy Interview: Vladimir Nabokov, 1964: <http://longform.org/stories/playboy-interview-vladimir-nabokov>)

Portais em torno do realizador Stanley Kubrick (1928-1999):

- <http://sensesofcinema.com/2002/great-directors/kubrick/>
- <http://www.imdb.com/name/nm0000040/>
- https://en.wikipedia.org/wiki/Stanley_Kubrick

Portais em torno do filme *Lolita* (1962):

- <http://www.imdb.com/title/tt0056193/>
- [https://en.wikipedia.org/wiki/Lolita_\(1962_film\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Lolita_(1962_film))
- <http://www.terrysouthern.com/archive/SKint.htm>
- <http://www.visual-memory.co.uk/amk/doc/0106.html>

“PLAYBOY INTERVIEW: VLADIMIR NABOKOV” by Alvin Toffler, (*Playboy*, Janeiro 1964):
<http://longform.org/stories/playboy-interview-vladimir-nabokov>

EM TORNO DE VLADIMIR NABOKOV:

https://en.wikipedia.org/wiki/Vladimir_Nabokov

<http://www.vladimir-nabokov.org/>

<http://www.theatlantic.com/magazine/archive/2000/04/nabokovs-butterflies-introduction/378103/>

VLADIMIR NABOKOV: “NABOKOV’S AMERICA” (*THE NEW YORKER*, 30 JUNHO 2015):

<http://www.newyorker.com/books/page-turner/nabokovs-america>

ALGUMA BIBLIOGRAFIA IMPRESSA

- Richard Corliss. *Lolita*. London: British Film Institute, 1994.
- Hughes, David (2000). *The Complete Kubrick*. Virgin Publishing.
- Jenkins, Greg (1997). *Stanley Kubrick and the art of adaptation: three novels, three films*. McFarland.